

“A ESCRITA É NUDEZ”:

as histórias de
Isabel Soares

“WRITING IS NUDITY”:
Isabel Soares’ stories

“LA ESCRITA ES DESNUDEZ”:
las historias de Isabel Soares

Thais Helena Furtado^{1, 2}

RESUMO

As línguas germânicas investigadas por Isabel Soares em sua graduação deram lugar, no mestrado e no doutorado, aos estudos anglo-portugueses. Professora do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, é autora de dois livros que chama de “pseudoficcionais” por terem “um fundo autobiográfico”. Seu interesse por autores do “jornalismo não convencional” fez com que se aproximasse do jornalismo literário, tanto que, em 2016, foi eleita presidente da *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS). Ela se define como portuguesa com raízes alemãs. Hoje, sua experiência como pesquisadora, amante das línguas, das viagens e da escrita tem contribuído para dar visibilidade aos estudos em jornalismo literário português.

PALAVRAS-CHAVE: Isabel Soares; jornalismo literário; *Association for Literary Journalism Studies*; crônica; *blogs* de viagem.

ABSTRACT

The Germanic languages investigated by Isabel Soares as an undergraduate student gave way to the Anglo-Portuguese studies she developed as a Master’s

¹ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013), mestre em Letras, na área de Análise do Discurso, pela UFRGS (2000) e graduada em Comunicação Social - Jornalismo e Audiovisual também pela UFRGS (1986), Professora adjunta do Departamento de Comunicação/Jornalismo da UFRGS. E-mail: thaisfurtado93@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências da Comunicação, Área de Conhecimento e Aplicação de Teoria, Técnica e Produção Jornalística. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, CEP: 93022000 - São Leopoldo, RS - Brasil.

and PhD candidate. Now a Professor at the Institute of Social and Political Sciences at the University of Lisbon, she is also the author of two books which she calls “pseudofictional”, because they have an “autobiographical foundation”. Her interest on authors connected to the “unconventional journalism” has brought her closer to literary journalism, so much so that, in 2016, she was elected president of the International Association for Literary Journalism Studies (IALJS). She defines herself as Portuguese with German roots. Today, her experience as a researcher, lover of languages, travels and writing contributes to making the studies on Portuguese literary journalism more visible.

KEYWORDS: Isabel Soares; literary journalism; Association for Literary Journalism Studies; chronicle; travel blogs.

RESUMEN

Las investigaciones en lenguas germánica del grado de Isabel Soares dieron paso, en su maestría y en su doctorado, a los estudios angloportugueses. Profesora del Instituto Superior de Ciencias Sociales y Políticas de la Universidad de Lisboa, es autora de dos libros que llama “pseudoficcionales” por su “trasfondo autobiográfico”. Su interés por autores del “periodismo no convencional” hizo con que se acercara al periodismo literario y que se eligiera, en el 2016, presidenta de la *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS). Soares se define como una portuguesa con raíces alemanas. Hoy, su experiencia como investigadora, amante de los idiomas, de los viajes y de la escrita ha contribuido para que se dé visibilidad a los estudios en periodismo literario portugués.

PALABRAS CLAVE: Isabel Soares; periodismo literario; *Association for Literary Journalism Studies*; cronica; *blogs* de viaje.

Recebido em: 18.04.2018. Aceito em: 19.07.2018. Publicado em: 08.10.2018.

A entrevista

Isabel Soares escreve todos os dias. Escreve artigos científicos, crônicas, capítulos de livros e muitos emails. Tem dois blogs, um que é um diário e o outro onde fala de suas viagens. Escreve em inglês e em português, mas nasceu na Alemanha. Como romancista, é Isabel Tallysha-Soares. Cada lugar onde morou, cada leitura em diferentes línguas que faz, cada escrita diária que produz, cada nome que assume ajuda Isabel a ser quem ela é. Escreve, escreve, escreve, mas nunca diz a ninguém sobre o que está escrevendo. Prefere falar de sua produção com desconhecidos do que com amigos ou com alguém da família. “O que preciso realmente para escrever é solidão”, diz³. “Nunca deixei, por exemplo, o meu pai ler os meus livros.” A explicação, para ela, é simples: “A escrita é nudez” (TALLYSHA-SOARES, 2017b).

Conheci Isabel por escrito. Ela estava em Arruda dos Vinhos, uma zona rural ao norte de Lisboa, em Portugal; eu, em Porto Alegre, no Sul do Brasil. Do outro lado do Atlântico, Isabel já publicou dois livros, e basta navegar na internet para conhecer seus *blogs* e alguns de seus artigos como pesquisadora. Mas isso não seria o suficiente para que eu conseguisse entender como ela se aproximou do jornalismo literário até se tornar presidente, em 2016, da *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS). Foi trocando emails – ou pela escrita – que ela me concedeu uma entrevista. Mal sabia eu que estar distante seria uma vantagem para falar com ela sobre seu trabalho. “Escrevo quando tenho tempo ou quando há algo na minha mente que me pede para vir cá para fora.” E ela veio.

³ Isabel Soares concedeu entrevista por email para a autora deste artigo em abril de 2018. Todas as declarações entre aspas sem referências são relativas a essa entrevista.

A família

“Tive a infância mais feliz do mundo”, lembra. “O meu pai, que era engenheiro em grandes obras, andava por todo o lado e levava a família com ele.” Isso fez com que Isabel vivesse em vários lugares. Nasceu em Rheydt-Ödenkirchen, na República Federal da Alemanha. Passou por Rheydt e Bremen, também na Alemanha, e depois foi para Portugal, já que tanto o pai quanto a mãe eram portugueses. Primeiro, Leça da Palmeira, no Norte, depois, Loulé, no Sul. “Identifico-me como portuguesa com raízes alemãs. Acho que tenho o melhor dos dois mundos nessa combinação.” Quando chegou à idade de aprender português e entrar na escola, sua família estabeleceu-se em Arruda dos Vinhos, onde ainda mora. “Preciso viver no campo e perto das minhas raízes.”

Os verões da infância de Isabel foram em Algarve, no Sul de Portugal, local conhecido pelas praias. Lá suas tias alemãs também iam passar as férias, o que era motivo de grande animação. No resto do verão, Isabel ficava na casa dos avós maternos, que seria mais tarde cenário de seu primeiro romance. “Passava horas e horas a ler livros que lá existiam. Foi aí que tomei conhecimento dos clássicos da literatura portuguesa.” De todas as histórias que Isabel viveu ou contou, a mais difícil foi a da morte de sua mãe, quando ela e a única irmã ainda eram jovens. Ela tinha 26 anos e a irmã, 22, mas seis anos antes já havia o diagnóstico da morte inevitável. “Foi o maior golpe e trauma das nossas vidas. Ela era a imortal e foi ela que morreu. Ainda vivemos sem acreditar que aquilo aconteceu.”

Isabel casou-se duas vezes. Não tem filhos, mas um sobrinho e uma sobrinha – Manuel e Margarida –, de sete e quatro anos, filhos de sua irmã, que considera um pouco seus filhos também. “É maravilhoso testemunhar o

crescimento de uma criança.” Mesmo adorando gatos, acabou adotando um cachorro, de acordo com ela “multirraças”, que se chama Spotty e já tem 11 anos. Isabel diz que ele é adorável, mas que tem um temperamento muito próprio. Já destruiu várias coisas, se meteu em algumas situações atrapalhadas, mas é um doce com seus sobrinhos. Ela promete um dia transformar as aventuras de Spotty – que enlouquece a ela e aos veterinários – em narrativas, mais uma vez oferecendo um pouco de sua nudez aos leitores.

A romancista

Um dia, um jornalista português perguntou a Isabel por que ela não escrevia a história de sua família materna como um romance. Ela aceitou o desafio. Sua família vivenciou muitos dos capítulos da história de Portugal: as Invasões Napoleônicas do princípio do século XIX, o fim da Monarquia, em 1910, a I Guerra Mundial. Além disso, era proprietária de uma quinta cujo nome era “Nada”. Assim surgiu seu primeiro livro: *Eu, do Nada* (2014) – em inglês, traduzido como *I, from Nothing*. A história começa em 1800 e segue até os dias de hoje.

Era no Verão que se pintavam as paredes grossas e frescas desta casa: a Casa do Nada. Que destino este. Herdar o Nada para que vá ser Nada. Um dia apareceu aí um francês a perguntar pelo Nada, um sábio. Andava a fazer um trabalho acadêmico sobre toponímias improváveis e tinha ficado a saber da existência do Nada. Veio cá, já depois do 25 de abril⁴, e disse-me que este era o único lugar no mundo que existia sendo Nada. O nada que é algo. A suprema ironia da existência de nada. Conteí-lhe a história, como faço sempre que

⁴ A Revolução de 25 de Abril, ou Revolução Dos Cravos, foi o movimento que derrubou o regime ditatorial salazarista em Portugal, em 1974, com o objetivo de estabelecer um regime democrático, promovendo fortes transformações sociais no país marcadas por uma orientação socialista.

me perguntam porque é que o Nada tem esse nome (TALLYSHA-SOARES, 2014, p. 12-13).

O livro indica ao leitor, em sua contracapa, que é baseado em fatos reais. São memórias de uma família que se misturam com a trajetória de um país. É curioso perceber que a construção do nome da personagem principal é por si só já uma narrativa, como parece acontecer com a própria Isabel, que escolhe nomes ou anônimos para seus escritos.

Durante anos achei que me chamava Luísa e só quando fiz a Primeira Comunhão e o Padre pediu a minha certidão de nascimento é que descobri que eu era realmente Matilde, como a Mãe me chamava, e não Luísa como toda a gente me chamava. Porque a Mãe era a Mãe e a única que me chamava aquilo, sempre pensei que ela me tivesse dado por alcunha o nome de alguma das heroínas fugitivas dos romances que lia. Afinal, quando eu nasci, o Pai queria que eu me chamasse Luísa, como a minha madrinha, mas a Mãe insistiu em Matilde. Baptizaram-me Matilde, mas o Pai nunca cedeu e eu fui sempre, para ele e depois dele para toda a gente, Luísa. Assino Matilde, mas olho-a na terceira pessoa, um eu distanciado e desconhecido de mim, a memória longínqua da Mãe e o elo mais forte que tenho com ela (TALLYSHA-SOARES, 2014, p. 22).

Como a personagem do livro, Isabel também traz uma história no próprio nome que escolheu como romancista. Tallysha é sobrenome de sua família materna. Quando escreveu seu primeiro romance e ele tinha como inspiração a história dessa família, achou justo incorporar o sobrenome ao seu, embora ele não esteja oficialmente em sua certidão de nascimento. “Todos os meus livros têm um fundo autobiográfico ou real. Não consigo escrever ficção a 100%”, diz, confirmando a nudez que a escrita representa para ela. Como sempre manteve um diário, os romances são em parte continuação desse hábito da escrita de todos os dias. “São um pouco diários de vida escritos de uma maneira pseudoficcional”, define. Tanto é assim que alguns trechos de *Eu,*

do Nada (2014) provocam um estranhamento sobre quem é o narrador – ou narradora – daquela história.

Sempre fui de palavras, eu. Sempre as soprei ao vento e as enxotei para fora do peito e só comecei a escrevê-las no preto do branco do papel virgem de potencialidades quando a vida me entrou porta adentro na voragem de me levar com ela (TALLYSHA-SOARES, 2014, p.10).

Isabel sempre foi de palavras, por isso mantém sua vida de escritora em paralelo a de professora e pesquisadora. Seu segundo livro, *Da gaveta* (2017), é uma “semibiografia” assumida, em que ela fala, de maneira “pseudoficcional” de sua relação com seu pai, sua mãe e o resto do mundo.

Lá em casa, eu apercebia-me dos vocês e dos “tus” da Mãe e estava bem ciente de que a tratávamos por “tu” e ao pai por “você”. Se bem que fosse uma distinção esquisita face ao resto das famílias que eu conhecia e conheço, nunca a questioneei. Era-nos o mais normal e natural possível que a Mãe nos fosse “tu” e o pai “você”. Nem sei como ou porque adoptámos o “tu” para a Mãe e o “você” para o pai. Na verdade, entre os dois, a Mãe zangada era uma fera, uma visão do outro mundo que nos causava bem mais assombro do que o pai, cujo correctivo máximo seria uma chamada de atenção em voz igual à de sempre. A Mãe não. A Mãe furiosa metia medo (TALLYSHA-SOARES, 2017, p. 26-27).

É perceptível como Isabel enxerga sentimentos e conflitos na própria linguagem e incorpora naturalmente seu olhar de pesquisadora da língua e de textos em seus romances. As reflexões sobre as palavras, sobre a forma como as pessoas falam e como isso faz parte das relações lhe ajudam a contar histórias de maneira envolvente. Além dos “tus”, dos “vocês”, do uso da letra maiúscula para denominar a “Mãe”, Isabel também utiliza metáforas misturadas com

descrições precisas, tornando alguns trechos de seus romances muito imagéticos.

A primeira vez que eu apercebera de que eu estava a olhar para Ela num misto de perplexidade consciente por me aperceber de que aquela pessoa era minha mãe e de ter orgulho por Ela ser minha mãe foi na primeira classe. Era final de ano lectivo, pois os dias estavam longos e eu saía às seis e meia da tarde ainda com dia pela frente. Nesse dia Ela foi buscar-me sem eu estar à espera. [...] De repente, surgia, subindo as escadas de acesso ao recreio da escola, a figura elegante daquela mulher loura, alta e sorridentemente distanciada. Ela aparecia e toda gente se eclipsava para uma parte invisível do universo. A cada degrau que Ela subia mais a sua imagem se desenrolava até ser Ela na sua plenitude. Vestia um vestido estival de algodão garrido, sem ser gritante, que tinha riscas azuis e encarnadas dentro das quais cabiam flores pequeninas, e o decote quadrado amparava-lhe o colo na sua suavidade redonda e cheia. Calçava sapatos de cunha alta de corda e com seu carrapito desfeito “à Dona Maria”, como Ela dizia, parecia ainda mais alta. Endeusei-A ali naquele instante e para sempre. Enchi-me de uma alegria quente por Ela vir buscar-me e quase rebentava por me sentir especial face aos outros meninos que não tinham uma mãe como eu. Eu tinha uma mãe-deusa que parecia uma rainha à qual a minha professora e os outros pais prestavam vassalagem e com quem falavam de modos elegantes e deferentes. Os outros meninos tinham mães mortais de carne e osso e anonimato e eu tinha Aquela mãe olímpica na sua divindade imortal (TALLYSHA-SOARES, 2017, p. 13-14).

A escrita da romancista Isabel Tallysha-Soares já oferece pistas da razão de a pesquisadora se interessar pelo jornalismo literário. Fatos reais são contados com estratégias da literatura, misturando a objetividade dos detalhes com a subjetividade dos sentimentos da autora, que espera ter seu terceiro romance ainda em 2018 publicado pela Porto Editora – a maior de Portugal –, através da chancela Coolbooks, como os dois primeiros.

“Quando escrevo um romance já o tenho todo na cabeça, por isso consigo escrevê-lo em poucas semanas”, diz, explicando que não tem um processo específico de escrita. O terceiro romance, ainda inédito, tem como

título *O homem manso*. “É sobre como alguém generoso e suave de caráter é capaz dos atos mais heróicos e corajosos. É um livro sobre a coragem e a necessidade de paz para os povos.” Isabel o escreveu logo depois de ter concluído o *Eu, do Nada* (2014). “Porque precisava me libertar do peso emocional que foi escrever aquele livro e, por isso, peguei memórias do meu pai – que foi meu consultor nas pesquisas – e escrevi *O homem manso*.” Cenas divertidas, com humor, trouxeram para esse romance a leveza que Isabel precisava na época. A experiência do primeiro livro foi tão forte que ela nem consegue mais ir ao local onde ficava a quinta “Nada”, que não existe mais. “Prefiro olhar o presente e o futuro e não o passado.” Ela ainda guarda alguns romances prontos na gaveta, mas não sabe se um dia os publicará. Nem tudo pode ser desnudado.

A pesquisadora

Isabel estudou Línguas e Literaturas Modernas na Universidade Nova de Lisboa. O mestrado e o doutorado foram realizados na mesma universidade, mas o inglês e o alemão foram abandonados para ela dedicar-se aos estudos anglo-portugueses no período colonial. Isabel fez também, em 1992, um curso de Literatura Experimental na Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt, na Alemanha.

Ela começou sua carreira dando aulas no ensino secundário, mas cerca de três anos depois já conquistou uma vaga como professora de inglês no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSPP) da Universidade de Lisboa, a maior de Portugal. Entrou como assistente, em 1999, depois foi auxiliar e atualmente é professora associada. Isabel também costuma assumir cargos de gestão. Já foi coordenadora da Escola de Línguas do Instituto e hoje é

vice-presidente. Além de inglês, ela tem ministrado aulas de português e de projeto em administração escolar. Já deu um curso de estudos da *Commonwealth*⁵ e mais recentemente passou a dar aulas de estudos africanos e de jornalismo literário.

Foi no doutorado que Isabel começou a ter contato com autores de jornalismo “pouco ortodoxos”. “Em conversas com a minha colega Alice Trindade⁶, que estava fazendo doutorado em Jornalismo literário norte-americano, apercebi-me que o que fazia o meu *corpus* ser jornalismo não convencional era o fato de ser jornalismo literário”, conta. A aproximação foi definitiva. Tanto que uma das principais contribuições de Isabel para a área foi a de ter escrito a primeira tese de doutorado sobre jornalismo literário português, na ocasião assinando com seu nome completo: Maria Isabel Soares Carvalho Santos (2007).

Há autores portugueses do final do século XIX, o Eça de Queirós, o Ramalho Ortigão, o Oliveira Martins e o Jaime Batalha Reis, que estava a estudar por serem jornalistas portugueses que escreviam sobre a Inglaterra vitoriana e sobre o império britânico em guerra com o império português na África. Acontece que o seu jornalismo de crônicas sempre foi muito difícil de catalogar, e os estudiosos sempre se referiam a esse jornalismo como não-convencional. Ora, aplicando os princípios do jornalismo literário aos seus textos, percebe-se que seus artigos são nada mais nada menos do que jornalismo literário. Até porque naquela época eles foram muito inspirados no *New Journalism* britânico de W.T. Stead e da *The Pall Mall Gazette* (SOARES, 2018).

⁵ *Commonwealth* (Comunidade das Nações) é um grupo formado países que apoiam uns aos outros e trabalham juntos por objetivos comuns de democracia e desenvolvimento.

⁶ Alice Trindade é docente e vice-presidente da Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa e foi a terceira presidente da *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS), entre 2010 e 2012.

A relação de Isabel com jornalismo literário foi ficando cada vez mais forte. Em 2009, escreveu um artigo, intitulado *South: where travel meets literary journalism*, sobre o jornalismo literário produzido por um autor português contemporâneo chamado Miguel Sousa Tavares. O texto foi publicado no primeiro número da revista *Literary Journalism Studies*. "Fico muito feliz por ter dado esses primeiros contributos para a disseminação do jornalismo literário português", comemora.

A *Literary Journalism Studies* é a revista acadêmica da *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS), da qual Isabel foi eleita presidente em 2016 para uma gestão de dois anos. Na apresentação da publicação no site da instituição, o termo jornalismo literário é identificado também por outras denominações: jornalismo narrativo, reportagem literária, literatura de reportagem, *New Journalism*, romance de não ficção, não ficção literária e não ficção criativa. A revista ainda alerta que outros termos podem ser encontrados em diferentes países e que o estudo de todos eles são bem-vindos. Isso mostra, por um lado, que não existe um consenso sobre a denominação, mas, por outro, que a proposta da IALJS é justamente ser um espaço aberto para abrigar pesquisadores dessa área em diferentes locais do mundo, como fica claro em sua apresentação no site:

A International Association for Literary Journalism Studies é uma sociedade multidisciplinar, cuja finalidade essencial é encorajar e melhorar a pesquisa acadêmica e a educação em jornalismo literário (ou reportagem literária). Para fins de delineamento acadêmico, nossa definição de jornalismo literário é "jornalismo como literatura" em vez de "jornalismo sobre literatura". Além disso, a associação é explicitamente inclusiva e apoia calorosamente uma ampla variedade de abordagens ao estudo e ensino do jornalismo literário em todo o mundo.⁷

⁷ Tradução livre. Disponível em <http://ialjs.org/> Acesso em 27 de abril de 2018.

“A IALJS é o produto de intenções de boa-vontade”, define Isabel. “Havia um vazio enorme em termos de não ter um local onde alojar a pesquisa em jornalismo literário, um fórum de debate e onde apresentar resultados de investigação e discuti-los entre pares.” Desde que foi fundada em 2006, em Nancy, na França, a associação tem sido uma grande impulsionadora da divulgação acadêmica do jornalismo literário e, por meio dela, foram descobertas outras experiências internacionais que não só as tradicionais desenvolvidas nos Estados Unidos a partir do modelo do *New Journalism* dos anos 1960.

Isabel destaca os professores David Abrahamson, da Northwestern University (EUA), e Bill Reynolds, da Ryerson University (Canadá), como “verdadeiras espinhas dorsais da associação”. Mas ela própria já passou por várias funções na IALJS. Estava presente já no primeiro encontro, em Nancy, e com a amiga Alice Trindade, organizou a primeira conferência da IALJS fora da França, em 2008, em Lisboa. Isabel foi muitos anos *research chair*, ou seja, uma das responsáveis pela seleção das propostas para a conferência anual da associação. Já foi vice-presidente e, hoje, além de presidente, também é *awards chair*, o que significa que participa da votação para os diversos prêmios de mérito de pesquisa que são conferidos a artigos publicados na revista *Literary Journalism Studies* e na *newsletter Literary Journalism*. Ela também participa do processo de escolha dos pedidos de financiamento que são concedidos pelo *Student Travel Fund*, que oferece bolsas para ajudar nos custos de viagem dos estudantes de pós-graduação que apresentam suas pesquisas nas conferências da associação. Nos dois anos de presidência da IALJS, Isabel teve como uma de suas principais propostas abrir a comunidade internacional ao jornalismo

literário além das fronteiras impostas pela denominada língua franca contemporânea, o inglês.

Para Isabel, o jornalismo literário está mais vivo do que nunca em várias línguas e lugares do mundo. “Até porque vivemos numa época de pós-verdade e de fatos alternativos que impulsionam e tornam necessário um jornalismo que olhe para a realidade de maneira mais comprometida e profunda”, reflete. Além disso, ela diz que é necessário atentar para o fato de que existem várias novas plataformas comunicacionais permitidas pela internet e que o jornalismo pode estar em todas elas e não apenas na mídia convencional. Atualmente, é possível conhecer o jornalismo literário de diversos países e por meio de diversas mídias, e a IALJS foi uma das responsáveis por possibilitar essa visibilidade ao divulgar os estudos e as reflexões sobre a disciplina. “Hoje, por exemplo, dizemos que a crônica, essa forma jornalística apenas presente no português e no castelhano, é jornalismo literário, e só isso alarga muito as fronteiras do que chamamos jornalismo literário”, aponta. Por isso, ela brinca: “Penso que hoje o jornalismo literário está vivo e recomenda-se”.

Em seus estudos, a pesquisadora percebe que existe uma aproximação entre o jornalismo literário desenvolvido no Brasil e o praticado em Portugal. Um dos pontos em comum é exatamente o formato da crônica, que já era desenvolvido por Eça de Queirós e Machado de Assis.

Na verdade, logo na primeira geração de jornalistas literários portugueses, o Brasil constituía-se como um fulcro para a escrita. Nos finais do século XIX já Eça de Queirós, o jornalista literário, mais até do que o romancista autor de *Os Maias* (1888), se interessava pelo Brasil de Machado de Assis (SOARES, 2016a).

Isabel encontra outras semelhanças entre o jornalismo literário produzido nos dois países. “Acho também que tematicamente o jornalismo

literário português e o brasileiro são parecidos por se interessarem pelas sociedades socioeconomicamente periféricas.”

Para os Portugueses, o Brasil é, como lhes chamam, o “país irmão”. Cinco séculos de História ligam ambos os países e, mais do que um passado partilhado, ligam-nos a língua, essa ponte paradoxalmente etérea e forte que os aproxima na contemporaneidade e que ignora diferenças de sotaque e léxico pouco se importando se no Brasil o suco é bebido por canudinho ou que, em Portugal, o sumo seja bebido por palhinha. Diria Fernando Pessoa que a língua portuguesa é uma pátria, e a pátria lusófona com os seus cerca de 260 milhões de falantes é um enorme continente por si próprio. Similarmente, o jornalismo literário desenvolvido em português é outro elo que, a par da língua e por ela permitido, aproxima a comunidade luso-falante. Ora, numa comunidade tão vasta e heterogénea, a junção do binómio língua comum e jornalismo literário é um excelente veículo para a representação da alteridade, do Outro, ou dos Outros, que habita/m na lusofonia. A observação das gentes e dos espaços Outros reflecte o fascínio que causa a alteridade na sua diferença e paradoxal familiaridade e o jornalismo literário é uma plataforma de excepção para a divulgação desse fascínio (SOARES, 2016a).

Assim como investiga o jornalismo literário em suas pesquisas, em sala de aula Isabel também propõe a seus alunos de ciências sociais que olhem para essa forma de escrita. Ela conta que ensina jornalismo literário de duas maneiras: ou através da aula de inglês, na qual compartilha textos de jornalismo literário em língua inglesa com os alunos da graduação, que depois devem comentá-los; ou numa disciplina de jornalismo especializado, no mestrado, em que uma das aulas é sobre jornalismo literário. “Faço uma introdução geral ao que é jornalismo literário, desenho o seu percurso histórico e abordo um pouco os temas recorrentes e o caso do jornalismo literário em língua portuguesa”, explica. Quando ministrava o curso de Estudos da *Commonwealth*, também no mestrado, usava textos de jornalismo literário, como reportagens de guerra,

artigos de jornalismo opinativo ou crônicas, para abordar temas da expansão imperialista britânica.

No entanto, por não lecionar no curso de jornalismo, Isabel não precisa ensinar seus alunos a escreverem reportagens literárias. “Presumo que seja tão difícil como ensinar literatura. Trata-se da escrita mais, digamos, erudita e pessoal e, por isso, é sempre difícil.” Mas, por ser uma estudiosa e uma amante da disciplina, ela consegue apontar as principais características que um jornalista literário precisa ter: “Deve saber libertar-se de restrições estilísticas, ter uma grande bagagem cultural e saber escrever com a alma”. Jornalismo literário é também uma forma de nudez.

A viajante

Na vida de Isabel, suas várias funções se misturam. É pesquisadora, professora, gestora e escritora. Entretanto, Isabel tem uma paixão que consegue relacionar com todos esses papéis que desempenha: as viagens. “Com três meses de vida fiz a minha primeira viagem, quando os meus pais me trouxeram da Alemanha a conhecer os meus avós em Portugal.” Como passou toda a infância “de um lado para o outro a reboque da profissão do pai”, lembra-se de estar sempre viajando. Mas quem impulsionou mesmo o seu gosto por viagens foi o documentarista britânico David Attenborough⁸, sua grande referência intelectual. “Antes de a minha vida ter dado as voltas que deu, queria ser naturalista como o David Attenborough, e é ele que tem influenciado as minhas viagens”, conta.

⁸ David Attenborough é conhecido por ter feito inúmeros programas sobre história natural principalmente para a rede de televisão britânica BBC.

Isabel só não conhece ainda os continentes gelados. “O deserto é a minha paixão, e acho que coleciono desertos: o Saara (na África), o Deserto Oriental Africano, o Mojave (nos Estados Unidos), o Chihahua (ao sudoeste dos Estados Unidos e norte do México). Há qualquer coisa de transcendente na imensidão, na paz e no silêncio do deserto.” Ela sente-se feliz por poder dizer que já cumpriu alguns dos seus sonhos de viagem. “Fiz a rota do Marco Polo na Ásia Menor, entrei na Grande Pirâmide e subi o Nilo, por exemplo.” Como lugares inesquecíveis, destaca o *Grand Canyon*, nos Estados Unidos, e o Vale das Borboletas, na ilha grega de Rhodes. Esse último ela viu em um documentário de David Attenborough e foi conhecer para matar o desejo de andar nos lugares onde ele andou. “Falta-me ir às Galápagos e à Ilha de Páscoa”, planeja.

A paixão por viagens uniu-se com o amor pela escrita nos dois *blogs* que Isabel mantém. Um deles é anônimo e funciona como um diário, que inclui eventualmente algumas de suas aventuras em viagens. “É um espaço de privacidade e de catarse. Talvez um dia eu associe o meu nome a esse *blog*, mas, para já, não”, diz, mostrando que essas histórias ainda não podem desnudar sua autora. Mas o *blog* é tão conhecido que alguns dos textos já foram publicados na imprensa portuguesa. O outro se chama *On the road with Tesla*, referindo-se à marca do carro elétrico de seu marido. “Eu não sei nada de carros, não é meu assunto preferido, mas criei o *blog* com esse nome só para entrar um pouco no mundo do meu marido e fazer-lhe companhia e escrever um pouco das nossas viagens”, conta. Esse *blog* é, para ela, uma espécie de brincadeira, mas nesse seu nome está bem claro no topo da página, e ela também aparece em várias fotos nos diferentes lugares que visitam.

A prova de que todas as “identidades” de Isabel se entrelaçam está na história de seu casamento. “Casei por causa do jornalismo literário e da *International Association for Literary Journalism Studies*”, surpreende. Ela e o marido não pensavam em casar oficialmente, mas seu amigo David Abrahamson, que conheceu por causa da IALJS⁹, escreveu um email para Isabel dizendo que, se um dia eles pensassem em casar, ele gostaria de comparecer ao casamento. Naquele ano, por coincidência, Isabel e o marido viajariam para os Estados Unidos. Ela respondeu o email dizendo que passariam por Las Vegas, que casariam lá e que ele e a esposa seriam os padrinhos. “E foi assim. Na cerimônia, em agosto de 2016, estávamos só nós quatro: eu, meu marido, o David e a Barbara, que é a mulher dele. Foi um dia estupendo e, de certa forma, acho que deve ter sido o primeiro casamento fabricado pela IALJS e por causa do jornalismo literário.”

Isabel

Conhecer Isabel por escrito é também compreender a razão de ela ter se aproximado do jornalismo literário. Numa resposta rápida em um email, nas páginas de seus livros, num relato em um *blog* e até em seus textos acadêmicos, Isabel se desnuda. Ela estudou saxofone alto durante seis anos, mas diz que já não sabe mais tocar. “Gosto de música ao vivo, não consigo ouvir música enlatada, ou seja, CDs, mp3. Preciso ouvir a profundidade da música, e essa dimensão não se tem sem ser ao vivo.” Essa é a mesma relação que Isabel tem com as viagens, com a escrita, com os amigos, com a família, com seu trabalho de pesquisa. Isabel precisa de profundidade, assim como o jornalismo literário. Como ela diz, o jornalismo literário é uma escrita feita com

⁹ David Abrahamson foi o segundo presidente da *International Association for Literary Journalism Studies*, é editor da *newsletter* e atual secretário da instituição.

a alma, como a que ela produz. Seus planos para o futuro são simples: continuar a escrever e a viajar. E quer que seus livros também viagem, sendo publicados em outras línguas.

No final de seu primeiro romance, em uma nota, Isabel diz ao seu leitor: "Escrever o Nada e as histórias que o habitaram é uma forma de catarse, um encontro com passados custosos de morrer porque se perpetuam nos genes de quem vive o presente e porque o Nada, afinal, nunca foi nada" (TALLYSHA-SOARES, 2014, p.162). Isabel é tudo isso.

Referências

SANTOS, Maria Isabel Carvalho Soares. **O império do outro**: Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, Oliveira Martins e a Inglaterra Vitoriana. Tese de Doutorado em Estudos Anglo-Portugueses. Apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2007. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/20018/1/Tese%20Doutoramento%20Maria%20Isabel%20Santos%20-%20O%20Imperio%20do%20Outro.pdf> Acesso em 8 de maio de 2018.

SOARES, Isabel. Entrevista concedida por email em abril de 2018.

SOARES, Isabel. At the intersection of risk: when literary journalism and sociology study urban problems by means of akin methodologies. **Sociologia: problemas e práticas**. N.84 2017. p. 63-80. Disponível em <http://revistas.rcaap.pt/sociologiapp/article/view/3466> Acesso em 27 abril 2018.

SOARES, Isabel. Do Amazonas ao Nordeste: o Brasil sob o olhar de um jornalista português. **Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia**. PUC-RS, Porto Alegre, Vol. 23, Out 2016a. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24664> Acesso em 27 abril 2018.

SOARES, Isabel. John Bull scrambling for Africa: a portrait of the English at the heyday of empire. In: JOSEPH, Sue e KEEBLE, Richard Lance (eds.). **Profile pieces**:

journalism and the “human interest” bias, Nova Iorque e Londres: Rotledge, 2016b. P. 137-150.

SOARES, Isabel. Pioneers and millenals: two moments in Portuguese literary journalism. **Australian Journalism Review**. Vol. 37, N.2, Dez 2015, p. 67-79.

SOARES, Isabel. Literary journalism on war and imperialism: the british annexation of Egypt viewed by portuguese Eça de Queirós. In: KREEBLE, Richard Lance e TULLOCH, John (eds.). **Global literary journalism: exploring the journalistic imagination**, vol. 2. New York: Peter Lang, 2014. P. 111-124.

SOARES, Isabel. Literary journalism’s magnetic pull. *New Journalism and the Portuguese at the fin-de-siècle*. In: BAK, John e REYNOLDS, Bill (eds.). **International literary journalism: historical traditions and transnational influences**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2011. P. 118 – 133.

SOARES, Isabel. South: where travel meets literary journalism. **Literary Journalism Studies**. The Journal of the International Association for Literary Journalism Studie, Vol 1, N.1. Spring, 2009, p. 17-30.

SOARES, Isabel. The Island of loneliness. Reporting from the Azorean Periphery, In: HUTCHINSON, David e O’DONNELL, Hugh (eds.). **Centres and peripheries: metropolitan and non-metropolitan journalism in the 21st Century**. Cambridge: Cambridge Scholars, (s/d). p. 215-225.

TALLYSHA-SOARES, Isabel. **Da gaveta**. Porto, Portugal: Porto Editora/Coolbooks, 2017a.

TALLYSHA-SOARES, Isabel. **Porque escrevo**. Site Coolbooks. Disponível em <http://www.coolbooks.pt/noticias/detalhe/?id=127622&langid=1> 2017b. Acesso em 29 abril 2018.

TALLYSHA-SOARES, Isabel. **Eu, do Nada**. Porto, Portugal: Porto Editora/Coolbooks, 2014.